



ECOLOGIA EVOLUTIVA HUMANA

LGN 0321/ ESALQ/ USP



AS ORIGENS DA MORALIDADE

Professora Débora Alexandra Casagrande Santos
Junho de 2020

LEITURA SUGERIDA!!



Olá pessoal!

Passei por aqui para deixar um texto da revista *Scientific American Brasil* de outubro de 2018

Nastari Editores (ano 17, nº 188)

COMO APRENDEMOS A COLOCAR NOSSO DESTINO NAS MÃOS ALHEIAS

PARTE 2

Nós e eles

AS ORIGENS DA MORALIDADE

MICHAEL TOMASELLO :: ILUSTRAÇÃO DE YUKO SHIMIZU

S

E A EVOLUÇÃO ESTÁ LIGADA À SOBREVIVÊNCIA DO MAIS APTO, COMO FOI QUE OS SERES humanos se tornaram criaturas morais? Se a evolução é a maximização da força de cada indivíduo, como os humanos perceberam que precisavam realmente ajudar aos outros e agirem de forma justa com eles?

Duas respostas têm sido tradicionalmente dadas a essas questões. A primeira: faz sentido que indivíduos ajudem a própria espécie, com a qual eles compartilham genes, em um processo conhecido como aptidão inclusiva. A segunda: podem surgir situações de reciprocidade, em que eu te ajudo, você me ajuda e nós dois nos beneficiamos no longo prazo.

Mas a moralidade não está apenas relacionada com ser gentil com seus parentes, tal como as abelhas e formigas que cooperam em atos de aptidão inclusiva. E reciprocidade é uma proposta arriscada, porque, em algum ponto, um indivíduo pode se beneficiar e partir, deixando o outro no abandono. Além disso, nenhuma dessas explicações tradicionais toca no que supostamente seja a essência da moralidade humana — o senso de obrigação que os seres humanos sentem uns em relação aos outros.

Recentemente uma nova abordagem para estudar o problema da moralidade ganhou destaque. O insight-chave é o reconhecimento de que indivíduos que vivem em um grupo social no qual todos dependem dos demais para sua sobrevivência e bem-estar operam com um tipo específico de lógica. Nessa lógica da interdependência, como podemos chamá-la, se eu dependo de você, então é de meu interesse ajudar a garantir seu bem-estar. De forma mais geral, se todos nós dependemos uns dos outros, então todos nós precisamos cuidar uns dos outros.

Como se chegou a essa situação? A resposta tem a ver com circunstâncias em particular que forçaram os humanos a adotarem meios de vida ainda mais cooperativos, especialmente quando eles estão buscando alimentos e outros recursos básicos.

O PAPEL DA COLABORAÇÃO

Nossos parentes vivos mais próximos, os chimpanzés e bonobos, procuravam frutos e vegetação em pequenos grupos, mas quando os recursos eram

encontrados cada indivíduo lutava para pegar seu próprio alimento. Se surgisse qualquer conflito, era resolvido pela dominação: o melhor lutador ganhava. No evento mais próximo a uma busca de alimentos colaborativa entre os primatas, uns poucos chimpanzés machos podiam cercar um macaco e capturá-lo. Mas esse método de caça parece mais o de leões e lobos do que a forma de forrageio colaborativo adotada pelos humanos. Cada chimpanzé maximiza suas próprias chances na situação ao tentar bloquear uma via de fuga do macaco. O chimpanzé captor tentará consumir toda a presa sozinho, mas em geral não conseguirá. Então todos os indivíduos na área convergem para o animal capturado e começam a agarrá-lo. O captor deve permitir isso ou terá de lutar contra os outros, o que provavelmente significará perder o alimento no tumulto; assim, ocorre a partilha de uma pequena quantidade de comida.

Há muito tempo nós, humanos, agimos de modo diferente. Por volta de 2 milhões de anos atrás, o gênero *Homo* surgiu, com cérebros maiores e novas habilidades para fazer ferramentas de pedra. Logo depois, um período de esfriamento e seca global levou à proliferação de macacos terrestres, que competiam com o *Homo* por muitos recursos.

Os primeiros humanos precisavam de novas opções. Uma alternativa era aproveitar as presas mortas por outros animais. Mas então, diz a antropóloga Mary C. Stiner, da Universidade do Arizona, alguns humanos primitivos — o melhor palpite é o *Homo heidelbergensis* há cerca de 400 mil anos — começaram a obter a maior parte do alimento via colaboração ativa na qual indivíduos adotavam objetivos comuns para trabalhar juntos na caça e coleta. De fato, a colaboração se tornou compulsória no que fosse essencial para a sobrevivência. Indivíduos se tornaram interdependentes uns dos outros nos aspectos imediatos e urgentes para obter seu sustento diário.

Michael Tomasello é professor de psicologia e neurociência na Universidade Duke e diretor emérito do Instituto Max Planck para a Antropologia Evolucionária em Leipzig, na Alemanha.



EM SÍNTESE

Sementes da moralidade humana foram plantadas há cerca de 400 mil anos, quando indivíduos começaram a colaborar nas atividades da caça e coleta.

A interação cooperativa cultivava o respeito e a equidade com outros membros do grupo.

Mais tarde, o crescimento das populações cimentou um senso coletivo de identidade de grupo, que promoveu uma série de práticas culturais e normas sociais.

A partir desses estudos podemos depreender que os humanos primitivos que se engajaram na busca colaborativa de alimentos desenvolveram um novo tipo de raciocínio cooperativo que os levou a tratar os demais como parceiros igualmente dignos — ou seja, não apenas com solidariedade, mas também com um senso de equidade (com base em uma compreensão da equivalência entre si e os outros). Parceiros entendiam que eles podiam, em princípio, assumir qualquer papel em uma colaboração e que ambos precisavam trabalhar juntos para o sucesso conjunto. Além disso, como dois indivíduos colaboravam reiteradamente com um outro na busca por alimento, eles desenvolviam um entendimento — um “campo comum” mental — que definia a forma ideal necessária a cada parceiro para cumprir um papel para o êxito mútuo. Os padrões desse papel específico moldavam as expectativas do que cada um deveria fazer: por exemplo, ao caçar antílopes, o perseguidor deveria fazer X e o lanceiro deveria fazer Y. Esses padrões idealizados eram importantes uma vez que especificavam o que cada parceiro tinha de fazer para desempenhar o

www.sciam.com.br 57

Quando os grupos começaram a crescer de tamanho (50 mil anos atrás, os bandos menores que formavam uma tribo desenvolveram uma série de práticas comuns, que representavam o início formal das culturas humanas. Um conjunto de normas, convenções e instituições surgiram para definir os objetivos do grupo e estabelecer divisões do trabalho que determinava papéis para cada um de seus membros - uma intencionalidade coletiva que distingue uma tribo. Esses objetivos eram internalizados por cada membro da tribo como uma "moralidade objetiva" pela qual todos sabiam imediatamente a diferença entre certo e errado conforme o determinado pelo conjunto de práticas culturais do grupo.



